

O adolescente e a contracepção: uma experiência de orientação sexual focal 5

Maria Helena B. V Gherpelli*
Luiz Amadeu Bragante**
Maria Cristina C. Romualdo***

RESUMO

Este trabalho visa descrever experiência de Orientação Sexual com jovens entre 10 e 18 anos que freqüentam Escolas Públicas e Particulares da Cidade de São Paulo, através de um trabalho a curto prazo que chamamos de **Orientação Sexual Focal**. Esta atividade atua sobre relevantes da temática em questão, a partir dos interesses do grupo. Baseia-se em dois elementos educativos, a informação e a reflexão. São desenvolvidos 3 encontros por grupo, sob a atuação de dois profissionais de orientação sexual que utilizam estratégias pedagógicas da linha participativa. Este recurso possibilitou foco na temática dentro de uma abordagem que além de evidenciar a dimensão individual e biológica, desvelou como contexto sócio-cultural emergente e o processo psi-

* Enfermeira de saúde pública, Psicodramatista, Orientadora sexual e coordenadora da área de adolescência do Instituto Kaplan.

** Psicólogo, Psicodramatista, Supervisor da área de adolescência do Instituto Kaplan.

*** Psicóloga, terapeuta sexual da área de adolescência do Instituto Kaplan.

Recebido em 14.07.95

Aprovado em 10.08.95

cológico se articulam, definindo nesta circunstância em dinâmica sexual do adolescente, que dificulta ou impede a aquisição de hábitos de prevenção de gravidez.

I-INTRODUÇÃO

O exercício da sexualidade pode ser uma fonte de imenso prazer e de expressão de sentimentos profundos próprios do encontro amoroso. Porém, também pode ser uma fonte de graves transtornos na vida pessoal e social de um indivíduo. A desinformação, a repressão, o silêncio, o medo e outros sentimentos negativos parecem limitar as possibilidades de escolhas do adolescente frente a vida sexual e reprodutiva. Além disso, criar situações de difícil atuação para pais e profissionais que lidam com jovens.

A família, é em primeira instância, o elemento formador da criança e os pais, desde muito cedo, se encarregam da responsabilidade de educar sexualmente seus filhos, passando seus valores culturais e crenças, através do trato com a criança. Simultaneamente, as relações sociais favorecem trocas intensas de informações e de normas de condutas, formando um amplo conjunto de influências exercidas direta ou indiretamente sobre o indivíduo. A este processo entendemos como “educação sexual”(7).

A “orientação sexual” supõe a sistematização do conteúdo adquirido sobre a sexualidade através de informações e de experiências vividas. É uma atividade que se caracteriza como uma intervenção no processo educacional de caráter preventivo, intencional e sistemático, através de esclarecimentos, informações adicionais e reflexões de fatos ligados à sexualidade(2,8).

A orientação sexual é uma prática que vem sendo realizada há vários anos, com objetivos que variam de acordo com os acontecimentos e mudanças sociais e científicas que podem interferir no comportamento sexual das pessoas. Atualmente, seu enfoque está mais centrado na prevenção da AIDS e da gravidez na adolescência. Contudo, acreditamos que a sua justificativa deve-se à necessidade que os jovens de hoje têm, de um espaço para refletir e compreender as informações e estímulos sexuais aos quais são expostos. Portanto, a orientação sexual, segundo o nosso ponto de vista, deve priorizar o desenvolvimento do papel sexual através do treino do exercício deste, frente a circunstâncias de interrelação com os seus demais papéis e com as outras pessoas.

Este trabalho pode ser realizado à longo, médio e curto prazo. À longo prazo nos referimos ao trabalho desenvolvido em Escolas desde uma atuação no infantil até o colegial, com estratégias sistemáticas(2,3,9). À médio prazo, nos referimos a cursos compostos de um número determinado de encontros, de forma processual que são realizados esporadicamente(1,4). E à curto prazo aquele que conta com um ou mais encontros, porém não existe uma continuidade. Neste último, desenvolvemos uma abordagem a qual chamamos de **Orientação Sexual Focal**.

A orientação sexual focal é uma atividade de carácter preventivo, intencional e diretivo, calcado em dois elementos educativos, a informação e a reflexão sobre os focos de temáticas específicas da sexualidade. Esta modalidade de trabalho foi desenvolvida para atender de forma mais eficaz à demanda das escolas públicas na cidade de São Paulo que procuram o Instituto Kaplan. Geralmente a solicitação é de um pedido para a realização de palestra ou um trabalho de curta duração para adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária entre 10 e 18 anos. Tendo em vista que a palestra é um recurso pedagógico de efeito limitado para este tipo de trabalho a que sua realização poderia desencadear atitudes negativas das autoridades escolares (que poderiam julgá-las como suficiente), optamos por não administrá-las para os adolescentes. Em contrapartida, oferecemos um trabalho de atuação focal que permite, além de informar, trabalhar com os conflitos culturais que surgem no grupo.

A prevenção da gravidez na adolescência é um problema multifacetado, de difícil solução e que sofre influências de vários fatores biológicos, psico-emocionais e socio-culturais. Para tanto, se faz necessário o uso de uma metodologia que permita o reconhecimento da dinâmica que estes adolescentes estabelecem na relação com a gravidez na adolescência, para se fazer a intervenção necessária à prevenção.

II - REFERENCIAL METODOLÓGICO

A eficácia de um trabalho em orientação sexual está diretamente ligada ao fato de atingirmos adequadamente a realidade particular do contexto social dos indivíduo em questão. Para tanto é imprescindível que o orientador sexual utilize recursos metodológicos de interação e participação grupal e apreenda com os adolescentes a sua realidade para obter os elementos básicos do processo educativo(6).

A metodologia escolhida para a realização do nosso trabalho foi a linha psicodramática. Segundo Moreno, “psicodrama pode ser definido, como a ciência que explora a “verdade” através de métodos dramáticos. Trata de relações interpessoais e de mundos particulares”(5). Quando aplicado à educação, possibilita a integração grupal, do conhecimento, dos aspectos socializantes e de estilos de condutas que abrem novas perspectivas para o indivíduo agir e se relacionar com seu ambiente(10).

Embora, nem todos os orientadores sexuais de nossa equipe posuam a formação em psicodrama, os trabalhos são desenvolvidos através de dinâmicas participativas seguindo os passos da **metodologia psicodramática**. Ou seja, cada encontro é iniciado com um **aquecimento** para o tema em questão, depois a dinâmica grupal (**momento da ação**), a produção de cada sub-grupo (**compartilhar**) e a avaliação do encontro.

III - O PROCEDIMENTO PARA A REALIZAÇÃO DA ORIENTAÇÃO FOCAL

a) Solicitação do trabalho:

A solicitação é realizada pela Instituição através de uma entrevista com a coordenadora da área de adolescência do Instituto Kaplan, que faz uma contra-proposta de um trabalho de Orientação Sexual Focal.

b) Planejamento dos encontros:

Cada grupo é formado por um mínimo de 10 e um máximo de 40 adolescentes, independentemente do sexo. Porém, sempre que possível são respeitadas as faixas etárias em função dos interesses e experiências que estas acarretam. No entanto, a divisão priorizada é aquela já existente nas escolas, por sala de aula.

c) Desenvolvimento dos encontros:

Geralmente são programado dois ou três encontros, realizados uma vez por semana, com duração de 1:30 hs. São desenvolvidos por uma dupla

de profissionais de Orientação Sexual do Instituto Kaplan, sem a presença dos professores ou qualquer outro profissional da escola.

1º encontro:

A formação do vínculo de confiança das necessidades do grupo diante da temática proposta, no caso gravidez na adolescência.

2º e 3º encontros:

Desenvolvimento dos sub-temas de interesse do grupo, fazendo uma ligação com o tema central.

IV - FATORES QUE DIFICULTAM A CONTRACEPÇÃO

O nosso trabalho sugere uma dinâmica do adolescente em relação a gravidez, muito parecida com as hipóteses levantadas por Kanter & Zelnick, 1985 e Polit & Kahn, 1986, de que a ocorrência de gravidez, nesta população de jovens, sofre a influência de fatores ligados a personalidade, idiosincrasias individuais, dificuldades de comunicação, serviços de contracepção inacessíveis ou não disponíveis, fatores socio-econômicos e aspirações educacionais(11).

Contudo, na nossa população destacaram-se as seguintes circunstâncias:

a) Informação deficitária:

Nos grupos carentes, como de alunos de escolas públicas ou instituições beneficentes, e nas populações de adolescentes mais jovens (10-14 anos), encontramos interesse e grande necessidade com relação aos aspectos morfológicos e funcionais do corpo e da forma de utilização dos métodos anticoncepcionais. Nesta situação, o trabalho teve o cuidado de estimular o interesse na aprendizagem teórica e na relação que eles estabeleciam com estas mudanças e responsabilidades.

b) Fatores psico-sócio-culturais:

Os grupos de adolescentes mais velhos, (15-18 anos) e mais informados, de escolas públicas e, principalmente, de escolas particulares, apresentaram dificuldades em adotar um comportamento adequado a prevenção, em circunstâncias ligadas a auto-imagem com relação a valorização social. As circunstâncias identificadas foram:

1 - Receio do julgamento do(a) namorado(a). Os adolescentes referem que num relacionamento com envolvimento afetivo podem ser mal interpretados pelos parceiros se estiverem de posse de um preservativo ou se a menina estiver utilizando algum tipo de contraceptivo. Esta atitude pode ser interpretada como sinal de promiscuidade ou má intenção no relacionamento.

2 - Medo da perda e a desconfiança. Este era colocado especificamente com relação ao uso do preservativo pelo parceiro. Exigir esta atitude do namorado, pode levar à um clima de desconfiança quanto a sua própria idoneidade física (DSTs e AIDS) e principalmente a dele. E se caso isto ocorre, o risco de perda do namorado é grande. Esta colocação dos adolescentes é preocupante pois, se partimos da hipótese de que eles vivem o “aqui e agora”, qualquer coisa que ameace esta vivência pode ser descartada e colocada em segundo plano.

O outro fator que foi presente e acentuava este medo, foi a idealização do ditado que diz: quem ama confia”. Portanto, este clima não pode existir, segundo eles, quando se está apaixonado. O que sugere a dificuldade de comunicação dos jovens sobre sexualidade.

3 - Magia da primeira relação sexual. Foi possível observar que a crença no valor da virgindade ainda está presente. Para algumas meninas, principalmente, a relação sexual não vai acontecer até o casamento. Portanto, se desfazer deste valor, só se algo inusitado e mágico acontecer, fazendo com que eles percam o controle da situação. Nesta colocação é possível os profissionais compreenderem porque a maioria dos jovens não usam qualquer tipo de prevenção em sua primeira relação sexual. Pois, como podem estes adolescentes prevenirem-se de uma gravidez, se eles tem certeza de que não vai haver uma relação sexual?

4 - A onipotência juvenil. Como não poderia deixar de faltar, o sentimento de que com eles “isto” (a gravidez) não acontece, esteve também presente.

5 - Os preconceitos:

- **preservativo é igual a desprezar:** Esta posição ainda faz parte da mentalidade do adolescente tanto masculino como feminino. Isto nos levou a refletir sobre o trabalho de orientação sexual. Será que não temos que investir na orientação, de como é possível utilizar o preservativo de forma prazerosa?

- **ser prevenido é igual a galinha/mal intencionado:** Este preconceito foi muito evidenciado durante os trabalhos com adolescentes. O que nos levou inferir que a educação sexual ainda reforça a virgindade, ou

no mínimo que o desejo de se ter uma relação sexual pode significar uma conduta desonrosa.

- **uso do preservativo é iniciativa do homem:** Há adolescentes tanto masculino como feminino que depositam no homem o bom senso de tomar a iniciativa de usar o preservativo numa relação que não estava nos planos do casal. Nesta colocação era claro o comportamento machista e a postura de submissão da mulher.

- **prevenção é responsabilidade da mulher:** Esta é uma postura que encontramos principalmente nos meninos. Ainda prevalece, com uma certa freqüência, aqueles que pensam que a gravidez neste período só interfere na vida da mulher e “como é ela quem fica grávida, que trate de se prevenir se não deseja um filho neste momento”.

Neste grupo a atuação foi no sentido de trabalhar os contexto sócio-culturais que reforçam essas atitudes e na desmistificação de tabus que bloqueavam as condutas positivas na prevenção. Através das dramatizações, colocávamos os adolescentes para vivenciar o faz-de-conta e encontrar novas respostas para as situações que exigiam a prevenção.

FATORES ECONÔMICOS:

Nos grupos economicamente carentes, o fator “fala de dinheiro” para adquirir métodos anticoncepcionais também foi presente. Nessa situação, foi indicado serviços que fazem distribuição e acompanhamento médico gratuito.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia psicodramática viabilizou um trabalho de prevenção, no qual foi possível lidar não apenas com a instrumentação teórica mas também com os conflitos sócio-culturais causados pela contracepção e, em particular, pelo uso do preservativo. Pudemos observar que a prevenção da gravidez cria circunstância que podem atingir, de uma forma geral, a auto-imagem em relação a valores social. Portanto, acreditamos que o aspecto positivo deste trabalho se deve ao fato de colocarmos à serviço do adolescente determinados instrumentos e experiências que, uma vez vivenciadas, permitem a aquisição do conhecimento de si mesmo, de sua realidade e de parâmetros para escolha de condutas responsáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHENEY, M. Discussing sexuality with teenagers. *Midwives Chronicle & Nursing Notes* sep. 281-84, 1987.
2. GHERPELLI, M. H. B. V.; BURALLI, K. O.; ROSENBERG, C. P. Proposta de um programa de orientação sexual para escolas infantis e de 1° e 2° graus. *R.B.S.H.* 3(1);46-55, 1992.
3. GRUPO DE TRABALHO E PESQUISA EM ORIENTAÇÃO SEXUAL-GTPOS. Guias de orientação sexual: Diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2° grau/Tradução e adaptação: Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994, p. 101-104.
4. KIRBY, D.; PETERSON, L.; BROWN, J. G. A joint parent-child sex education program. *Child Welfare.* 61(2): 105-14, 1982.
5. PILON, A. F. Cultura e sexo - Expressões do projeto de vida. Comunicação apresentada durante o "Programa Nacional de treinamento em Educação da Sexualidade". Promovido pelo MEC, Brasília, D. F. 1987.
6. PROJETO de orientação sexual. Secretaria Municipal de Educação. Publicação SME 24, Gráfica Municipal, São Paulo, p. 7-13.
7. SCHECTER, S. J. The New York School Systems Family Life Education Program. *Community Health,* 11(1): 54-7, 1986.
8. TAYLOR, M. E.; WANG, M. Q.; JACK, L. Jr.; ADAME, D. D. Effects of contraceptive education on adolescent male contraceptive behavior and attitudes. *Health Education* april/may: 12-47, 1989.